



## **Folia de Reis: Comunicação e Cultura - O Folclore em Sarandi-PR <sup>1</sup>**

**Marcio TCHEQUES <sup>2</sup>**  
**Talitta Emanuela SILVA <sup>3</sup>**  
**Luzia YAMASHITA DELIBERADOR<sup>4</sup>**  
**Faculdade Maringá, Maringá, PR**

### **RESUMO**

Este artigo é resultado da pesquisa na área de Folkcomunicação, que visa compreender o porquê da existência da tradição da Folia de Reis no município de Sarandi. Assim como analisar a influência do líder de opinião no processo de transmissão ideológico; e também entender a relação de compromisso dos sujeitos envolvidos na tradição, com as gerações futuras.

**PALAVRAS-CHAVE:** Folclore; Folia de Reis; Folkcomunicação

### **1 INTRODUÇÃO**

Esta pesquisa foi desenvolvida na Companhia de Folia de Reis Nossa Senhora da Esperança de Sarandi. Contextualizando-a como manifestação folclórica suscetível de estudo pelo viés da Folkcomunicação. Esta companhia é uma das mais tradicionais do município, desempenhando resistência contra as transformações culturais impostas pelos meios de comunicação de massa.

Por meio do canal Folkcomunicacional de Folia de Reis, os integrantes do grupo são responsáveis pela preservação e transmissão da manifestação folclórica. Este ritual do catolicismo popular consiste em rememorar o caminho percorrido pelos três Reis Magos até encontrarem o menino Jesus. Os relatos que narram a viagem feita pelos Reis Magos estão descritos na Bíblia.<sup>5</sup>

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XVI Prêmio Expocom 2009, na Categoria Jornalismo, modalidade Documentário em vídeo.

<sup>2</sup> Estudante do 8º semestre do Curso Comunicação Social / Jornalismo, email: [tcherkes1@msn.com](mailto:tcherkes1@msn.com).

<sup>3</sup> Aluno líder do grupo e estudante do 8º semestre do Curso Comunicação Social / Jornalismo, email: [tata.ta.tali@gmail.com](mailto:tata.ta.tali@gmail.com).

<sup>4</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social / Jornalismo, email: [adeli@sercomtel.com.br](mailto:adeli@sercomtel.com.br).

<sup>5</sup> Sobre este assunto ver: capítulo 2 do Evangelho de São Mateus, intitulado Adoração dos magos.



## 2 OBJETIVO

O objetivo desta pesquisa é exatamente compreender como tradições populares, como a Folia de Reis, conseguem sobreviver dentro de uma sociedade baseada em uma cultura de massa.

Além de verificar a existência ou não do líder de opinião descrito por Luis Beltrão (2001), na teoria da Folkcomunicação. Assim como entender se a sobrevivência da tradição está baseada no compromisso dos devotos com as gerações futuras.

## 3 JUSTIFICATIVA

Para Melo (1998) existem “focos culturais” diferentes que se relacionam dinamicamente na sociedade moderna. Eles são responsáveis por criar a noção de uma sociedade policultural, onde a cultura erudita, a cultura popular e cultura de massa se relacionam e competem entre si.

Dessa forma a comunicação se constitui em um problema importante dentro da sociedade contemporânea, que é formada por focos culturais diferentes entre si que necessitam de um estudo aprofundado.<sup>6</sup>

As pesquisas desenvolvidas com o objetivo de reconhecer nas tradições uma forma de expressão do povo, e a luta contra o avanço da cultura de massa; contribuem ativamente para confirmar os estudos realizados por Luiz Beltrão.

Pesquisar a Folia de Reis em Sarandi é entender porque uma tradição religiosa, de origem portuguesa, consegue existir no país e ser transmitida de geração em geração. O fator determinante que nos levou a realizar a pesquisa em torno dessa tradição, se deve principalmente ao fato de que o próprio estado do Paraná não oferece muitos trabalhos sobre as manifestações culturais de Folia de Reis. Por esse motivo, acreditamos que a pesquisa torna-se relevante para a área social.

Outro fato importante para a escolha da cidade de Sarandi, é que existem em sua população muitas famílias vindas da zona rural. Essas famílias, ao migrarem para área urbana, nas décadas de 1970 e 1980, trouxeram com elas suas

---

<sup>6</sup> Ver MELO, José Marques de. Cultura de Massa e Folkcomunicação: conceitos de Morin e Beltrão. In: MELO, José Marques de. **Teoria da Comunicação**: paradigmas latino-americanos. Rio de Janeiro: Vozes, 1998. p.185-201



tradições e fizeram da Folia de Reis uma forma de proteção e socialização. Assim, os grupos foram crescendo e a manifestação foi tomando força e se fixando com o passar dos anos.

O município entendeu que poderia contribuir, incentivando a manutenção das variedades das companhias. Então, foi criado em 1983, o Encontro Regional de Folia de Reis, que mais tarde passou a ser um concurso com premiações das melhores companhias.

O Encontro Regional fez com que a tradição se tornasse popular no município, fazendo com que outras companhias de cidades vizinhas viessem participar da competição. Em 13 de novembro de 2001, a Embratur em conjunto com o Governo do Estado, por meio do Projeto de Lei nº 13.296, transformou Sarandi na ‘Capital Turística e Folclórica da Festa da Folia de Reis’.

Decidimos optar pela Companhia Nossa Senhora da Esperança, porque entre as duas companhias existentes no município, é a que pratica a manifestação folclórica há mais tempo. Os devotos da companhia se mantêm firmes em seus propósitos há aproximadamente quarenta anos, sendo que todos os participantes se demonstraram receptivos a realização da pesquisa<sup>7</sup>.

#### **4 METODOLOGIA**

A idéia de fazer uma pesquisa científica unindo comunicação, cultura e sociedade surgiu quando estávamos ainda no segundo ano da academia. Estudar a Folia de Reis foi um tema proposto por um dos pesquisadores como projeto de extensão da disciplina de Comunicação Comunitária. Nessa época, ainda não conhecíamos o campo específico da Folkcomunicação. Sabemos que toda a pesquisa científica que pretende resultar em um trabalho monográfico exige originalidade, criatividade e coerência.

Para compreender a experiência religiosa praticada pelo grupo de Folia de Reis da Companhia Nossa Senhora da Esperança, o trabalho de campo se fez necessário. Apenas as pesquisas teóricas e contatos telefônicos não foram suficientes para que pudéssemos formular hipóteses ou objetivos. Por isso, o trabalho de campo revelou-se como um modo indispensável para o êxito do estudo. “A pesquisa de campo consiste na observação dos fatos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados

---

<sup>7</sup>Em complemento com a pesquisa científica foi produzido um vídeo de apoio.



e no registro de variáveis presumivelmente relevantes para ulteriores análises” (RUIZ, 1982, p.50).

Inicialmente buscamos conhecer o tema de forma indireta: por meio de pesquisa bibliográfica e análise de trabalhos semelhantes sobre o assunto. Um de nossos objetivos era que ao chegar ao trabalho de campo não estivéssemos contaminados por conceitos teóricos pré-estabelecidos. Nesse sentido, compreendemos que se precisou adotar uma metodologia que nos desse subsídio para analisar e interpretar aspectos mais profundos do comportamento humano, assim adotamos a metodologia qualitativa:

Na pesquisa qualitativa a um mínimo de estruturação prévia. Não se admitem regras precisas, como problemas, hipóteses e variáveis antecipadas, e as teorias aplicáveis deverão ser empregadas no decorrer da investigação” (MARCONI; LAKATOS, 2008, p.271).

Alves e Mazzotti, 1999 apud Marconi; Lakatos, 2008 admitem que a “adoção prévia de um quadro teórico, a priori, turva a visão do pesquisador, levando-o a desconsiderar aspectos importantes, que não se encaixam na teoria e a fazer interpretações distorcidas dos fenômenos estudados”. Partindo do ponto de vista de Alves e Mazzotti focamos primeiramente a prática e depois a teoria. Tínhamos receio de não compreender o caráter subjetivo da prática do ato folclórico, caso já tivéssemos idéias definidas de como funciona a manifestação. Nossa intenção foi não interferir e nem influenciar os sujeitos da pesquisa. Porém, consideramos que discutir aspectos da prática folclórica não visa orientar as respostas em função de nossas expectativas. Mas, descondicionar as pessoas para que não respondessem impulsividade, isto é, como se as respostas fossem apenas um senso comum, em relação ao sentido científico das coisas.

Richardson, 1999 apud Marconi; Lakatos, 2008 afirma que a pesquisa qualitativa “pode ser caracterizada como a tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentada pelos entrevistados, em lugar da produção de medidas quantitativas de característica e comportamentos”.

Triviños, 1987 apud Marconi; Lakatos, 2008 reconhece que toda a pesquisa qualitativa necessita de uma forma específica de investigação, admitindo ele que os estudos referentes à cultura necessitam do método etnográfico. Então, nosso estudo se apropriou da etnografia. Porque percebemos que estávamos diante da existência de um mundo cultural desconhecido, de um modo de vida específico, onde há a participação ativa de um grupo em uma comunidade. Além disso, nos preocupamos



com as questões particulares dos indivíduos, ou seja, um universo de significados, aspirações, crenças, valores, atitudes e sentimentos dos praticantes da manifestação.

O método etnográfico refere-se à análise descritiva das sociedades humanas, principalmente das “primitivas” ou de pequena escala. Consiste no levantamento de todos os dados possíveis sobre sociedades ágrafas ou rurais na descrição delas, visando conhecer melhor o estilo de vida ou a cultura específica de determinados grupos (MARCONI; LAKATOS, 2008, p.273).

Apesar de o método etnográfico nos fornecer informações relevantes acerca do contexto que os sujeitos pertencem, o folclore também está ligado a história de vida dos praticantes da manifestação, por isso, adotamos em nossa pesquisa o método História de Vida. Pedimos para cada folião contar a história de como começou a participar da Folia de Reis, o objetivo, foi evidenciar valores e padrões culturais já descritos em teoria. Marconi; Lakatos, 2008, p.281 afirmam que o método consiste “em um modo de interpretar e reinterpretar os eventos, para melhor compreender as ações, e os valores adotados pelo grupo ou indivíduo em pauta”.

A partir desse momento já tínhamos material suficiente para compreender o porquê da prática, seu funcionamento e sua existência. Por meio do método História de Vida, nos familiarizamos com os sujeitos da pesquisa e também conquistamos a sua confiança, fator essencial para que a segunda fase do trabalho de campo fosse produtiva. Faltava-nos fazer o levantamento de dados concretos sobre a manifestação e o município. Conseguimos dados em jornais da região (matérias sobre antigos campeonatos) e entrevistamos o coordenador do movimento de Folia de Reis de Sarandi. Visitamos a prefeitura em busca de material histórico sobre antigos festivais. A própria assessoria de imprensa nos forneceu documentos sobre as competições e nos orientou a acessar o portal da prefeitura na internet para obtenção de mais informações.

Mesmo assim, não havia material necessário para reconstituir a história da Folia de Reis em Sarandi, partindo do ponto de vista de (MARCONI; LAKATOS, 2008, p.282) que o método História Oral “é uma técnica de levantamento de dados com depoimentos orais de pessoas que testemunharam fatos e eventos do passado, que podem ser escritos ou gravados pelo investigador”. Nos demos conta de que esse método poderia nos fornecer as informações necessárias. Afinal muitos participantes da Folia de Reis poderiam descrever o histórico verbalmente. Seu Lázaro, por exemplo nos relatou como foi à chegada da manifestação na cidade e seus primeiros festivais. Depois seu Laurindo e outros participantes nos deram anotações antigas e



também relataram suas participações em vários encontros. Essas contribuições foram decisivas para a construção de todo o histórico da Folia de Reis e dos festivais em Sarandi.

A História Oral preocupa-se com o que é importante e significativo para a compreensão de determinada sociedade. Esse levantamento realizado por meios mecânicos ou manuais, tem como finalidade preservar as fontes pessoais, obtendo dados que podem preencher lacunas em documentos escritos, registrando, inclusive, a linguagem os sotaques as inflexões, até mesmo as entonações dos entrevistados. Tudo que se pode coletar sobre o passado de certos indivíduos, suas opiniões e maneiras de pensar e agir, procurando captar principalmente dados desconhecidos (MARCONI; LAKATOS, 2008, p.282).

Depois que os foliões se habituaram com nossa presença, o trabalho foi se desenvolvendo por meio de coleta de dados. Os integrantes do grupo foram relatando os hábitos e seus conhecimentos religiosos. A coleta de dados pode obter informações relevantes sobre a personalidade dos indivíduos e seu dia-a-dia, para isso aplicamos a técnica de entrevista em profundidade.

De acordo com Duarte (2005) essa técnica explora a busca por informações, percepções e experiência de informantes. É uma abordagem flexível, onde o informante e o entrevistador ajustam livremente perguntas e respostas.

A entrevista em profundidade é uma técnica dinâmica e flexível, útil para apreensão de uma realidade tanto para tratar de questões relacionadas ao íntimo do entrevistado, como para descrição de processos complexos nos quais está ou esteve envolvido (DUARTE, 2005, p.64).

A entrevista em profundidade nos revelou histórias curiosas sobre a vida dos praticantes da Folia de Reis. Como, involuntariamente, já fazíamos parte do ambiente natural dos devotos, nossa presença já não causava mais estranhamento. Nós também nos sentimos a vontade como se fossemos parte do grupo. E percebemos que podíamos utilizar a técnica pesquisa participante. Segundo Peruzzo (2005), a pesquisa participante consiste na inserção do pesquisador no ambiente natural de ocorrência do fenômeno e de sua interação com a situação investigada.

A pesquisa participante implica: a presença constante do observador no ambiente investigado, para que ele possa “ver as coisas de dentro” e o compartilhamento, pelo investigador, das atividades do grupo ou do contexto que está sendo estudado, de modo consistente e sistematizado –



ou seja, ele se envolve nas atividades, além de co-vivenciar interesse e fatos (PERUZZO, 2005, p.126).

Após a coleta de dados e o ciclo de visitas, passamos para a fase de produção. Optamos que nessa fase as análises seriam realizadas em conjunto com os foliões da companhia. Eles teriam liberdade para interferir no processo de criação e avaliação dos resultados, por isso, adotamos pesquisa-ação.

As ações investigadas envolvem produção e circulação de informação, elucidação e tomada de decisões, e outros aspectos supondo uma capacidade de aprendizagem dos participantes. Estes já possuem essa capacidade adquirida na atividade normal. Nas condições peculiares da pesquisa-ação essa capacidade é aproveitada e enriquecida em função das exigências da ação em torno da qual se desenrola a investigação (THIOLLENT, 2005, p.72)

## **5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO**

A peça, um vídeo documentário de 14:58 minutos é um breve relato da tradição de Folia de Reis, tendo como foco a Companhia Nossa Senhora da Esperança de Sarandi. O vídeo descreve o processo de caminhada dos foliões durante o período de visitas, bem como, regras de conduta e procedimentos que são habituais da tradição. Um histórico do surgimento da Folia de Reis e descreve o funcionamento e a manutenção dessa tradição no município. Também, aborda o Festival que é realizado anualmente na cidade. Inclui relatos dos devotos descrevendo o sentido da tradição e opiniões da comunidade a cerca da importância dessa tradição.

## **6 CONSIDERAÇÕES**

Existe em Sarandi um pequeno grupo de pessoas que compartilham dos mesmos objetivos. Indivíduos que buscam por meio de sua fé e união transformar a realidade social a que pertencem. Aparentemente para quem observa de fora, parece uma manifestação descontextualizada da realidade sociocultural que estamos inseridos hoje. Conscientemente porém, essas pessoas perceberam que ao agir em conjunto podem construir uma nova realidade. Então, dentro de suas experiências empíricas e subjetividade utilizaram-se da tradição como instrumento de defesa contra a cultura hegemônica.



O principal fator que garante a sobrevivência da Folia de Reis em Sarandi é a tradição, porque é a forma mais simples e espontânea dessas pessoas expressarem o que sentem e pensam sobre o mundo onde vivem. É característica das classes marginalizadas a luta contra a indústria cultural, sendo que esta é uma representante direta das elites que governam a sociedade.

A formação do município de Sarandi deu subsídios para a criação de uma população excluída da sociedade detentora do poder político e econômico na região. Uma porção considerável da população sarandiense contribui ativamente para o desenvolvimento econômico e social de Maringá, trabalhando e movimentando o comércio da cidade. Mesmo com essa realidade, o município maringaense não compensa a população vizinha de forma a contribuir para a melhoria da mesma. Ao contrário, Maringá colabora para estigmatizar Sarandi como um bolsão de pobreza.

O fluxo de pessoas que são atraídas por Maringá até no dias de hoje é acentuado. No entanto, boa parte desses indivíduos não tem condições financeiras para viver nessa cidade. Maringá se isenta dos problemas sociais que lhes pertence transferindo a responsabilidade a Sarandi. Esse fato, mais as condições precárias de Sarandi criam uma sedição consciente, onde a prática folclórica da Folia de Reis age como um grito de revolta dos marginalizados.

Dentro do processo Folkcomunicacional é imprescindível a existência de uma liderança mediadora. Essa liderança é responsável por confrontar as idéias impostas pela mídia com as suas concepções ideológicas. Dentro da Companhia de Folia de Reis Nossa Senhora da Esperança o processo de mediação é coletivo: cada folião age como um líder de opinião. Eles discutem entre si os conteúdos que absorvem da mídia e repassam para suas redes de relacionamento que compartilham da mesma ideologia, fazendo com que o feedback seja a afirmação da tradição. Então, todos os mediadores que partilham do mesmo ponto de vista se utilizam do fato folclórico como difusor de seus conceitos para fora de suas redes de relacionamento.

A partir do momento que a Folia de Reis proporciona condições de transformações na realidade social, ela abre portas para que novos agentes também possam participar nessas transformações. Dessa forma, podemos afirmar que os praticantes da Folia de Reis estão comprometidos com a geração futura.

Outro fato que garante a sobrevivência e continuidade do folclore pelos futuros atores sociais, é a crença de que o processo de transformação da sociedade





de massa ocorre lentamente. Por isso, enquanto houver a necessidade de combater as desigualdades sociais a Folia de Reis encontrará condições de existência.

A importância da preservação da prática folclórica está relacionada com os mecanismos internos de como esses indivíduos professam sua fé e a maneira que visualizam o mundo ao seu redor. Logo, para eles, a idéia de perpetuação da Folia de Reis se torna imprescindível para manutenção de seu estilo de vida.

O conteúdo ideológico da Folia de Reis rompe os estigmas das classes marginalizadas, dotando os participantes de identidade e autoconfiança. Nos momentos de adoração e espiritualidade os abismos sociais são rompidos. E o folião, ganha respeito e importância, características essas que no seu dia-a-dia muitas vezes lhe são negadas pela sociedade onde vive.

A Folia de Reis consegue sensibilizar mesmo aqueles que já se esqueceram da fé e da espiritualidade. Amolecendo os corações dos que recebem a manifestação, transportando-os para uma outra realidade, onde por alguns momentos as angústias e sofrimentos são esquecidos para dar lugar a emoções inexplicáveis.

O tema trabalhado neste estudo é pouco explorado pelos meios acadêmicos, mesmo sendo um assunto significativo para qualquer sociedade, uma vez, que vivemos em um mundo de culturas diversas que sobrevivem em razão da comunicação.

## REFERÊNCIAS

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: teoria e metodologia**. São Bernardo do Campo: UESP, 2004. 160 p.

\_\_\_\_\_. **Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressões de idéias**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. 266 p. (Coleção comunicação, 12)

BENJAMIN, Roberto. A abrangência da folkcomunicação. In: MELO, José Marques de (ORG). **Mídia e folclore: um estudo da folkcomunicação segundo Luiz Beltrão**. Maringá/São Bernardo do Campo: Faculdades Maringá/Cátedra UNESCO, 2001. p.29-31

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é folclore**. São Paulo: Brasiliense, 2006. (Coleção primeiros passos, 60)

CARDOSO, Maria. **O sistema educacional de Sarandi: um recorte**, Maringá, 2006. Disponível em: <[http://www.ppe.uem.br/dissertacoes/2006-ana\\_maria\\_cardoso.pdf](http://www.ppe.uem.br/dissertacoes/2006-ana_maria_cardoso.pdf)>. Acesso em: 20 junho 2008.



COVRE, Maria de Lourdes. **O que cidadania**. São Paulo: Brasiliense, 2007. (Coleção primeiros passos, 250)

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (ORG). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. p.125-126

LAKATOS, Eva Maria. Objeto da sociologia. In: LAKATOS, Eva Maria. **Sociologia Geral**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 1978. p.51-56

MARCONI, Marina de Andrade. Cultura e sociedade. In: LAKATOS, Eva Maria. **Sociologia Geral**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1978. p.135-138

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Metodologia qualitativa e quantitativa. In: MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008. p.269-282

MELO, José Marques de. Comunicação e folclore. In: MELO, José Marques de (ORG). **Mídia e folclore: um estudo da folkcomunicação segundo Luiz Beltrão**. Maringá/São Bernardo do Campo: Faculdades Maringá/Cátedra UNESCO, 2001. p.15-17

\_\_\_\_\_. Cultura de Massa e Folkcomunicação: conceitos de Morin e Beltrão. In: MELO, José Marques de. **Teoria da Comunicação: paradigmas latino-americanos**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998. p.185-201.

MHAFOLD, Miguel. **Folia de Reis: festa raiz: psicologia e experiência religiosa na Estação Ecológica Juréia-Itatins**. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2003.

PERUZZO, Cecília M. Krohlmng. Observação participante. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (ORG). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. p.63-64

RUIZ, João Álvaro. Como elaborar trabalhos de pesquisa. RUIZ, João Álvaro. **Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos**. 10. ed. São Paulo: Atlas, 1982. p. 50-73

SCHIMIDT, Cristina (ORG). **Folkcomunicação na arena global: avanços teóricos e metodológicos**. São Paulo: Ductor, 2006.

THIOLLENT, Michael. Concepção e organização da pesquisa. In: THIOLLENT, Michael. **Metodologia da pesquisa-ação**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2005. p.69-72

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. **A folkcomunicação e as múltiplas (inter) mediações culturais da audiência da televisão**, Paraíba 2005. Disponível em: <<http://www.pag/trigueiro-osvaldo-folkcomunicacao.pdf>>. Acesso em: 10 junho 2008.